

João Sr. João Miranda

(Bento)



I anno

Barcellos, outubro de 1912

N.º 1

O MARCANO

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

Preços—4 n.ºs 40 rs.
Red. R. Duque de Barcellos, 6

Editor e director
ALBERTO CANDIDO

Comp. e Imp.
Rua Barjona de Freitas

AO NASCER !...

Impavidos vimos hombrear-nos com o mostrengo ! Pequenos na estatura, grandes na alma e no coração, serêmos quem sabe ? O gigante de amanhã...

Imaginae que á nossa chegada das rusticas paragens d'esses quinchosos encantadores, que orlam a nossa choupana natal, nos admiram e espreitam, quasi como selvagens.

—Lá vem o patêgo—dizem elles; ao aspirante... a caixeiro.

E o pobresito semi-cabisbaixo e envergonhado, lá principia a comer o pão negro da lucta titanica e homerica da vida !

Eil-o a gemer debaixo do badejo da Noruega, das batatas e do respectivo mólho, com o amavel epitheto com que o singular "Caixeiro," o superior hierarchico o costuma a mimosear logo á chegada da patria indigena: ande lá seu camelo sua besta e...coisas

quejandas e o marcano coitado.lá começa a sua vida de alegria de tristeza e de...esperança de um dia chegar a ser caixeiro, d'esse dia glorioso da vida, em que possa dizer alto e em bom som que é caixeiro e por conseguinte é empregado no commercio. E' empenhados n'essa aspiração sublime da nossa alma intemerata, vimos fazer a nossa apresentação de honra, onde possainos com lealdade e brio, defênder os interesses das victimas da oppressão.

«O Marcano»

A VIDA DOS OUTROS

Este mundo não passa de uma grande mentira;vivêmos todos a enganar uns aos outros; mascaramo-nos com a hypocrisia a vamos para a sociedade passar por aquillo que não somos.

Quem não mente não, é filho de boa gente—lá diz o rifão; e como queremos ser boa gente, toca a mentir para a

frente. Assim é que ao vermos na rua um sujeito desempenado de charuto na boca deitando fumaça e ares de *grand seigneur* dardejando olhares desdenhosos, cheios de importância, pensa-se logo n'um milionario, n'um burguez rico, com certeza.

E' falso.

Sabem quem é ?

Não percam as illusões.

E' um troca-tintas qualquer, que feria cães de meia noite, que deve a meio mundo e anda a enganar outro meio.

*

Com os nomes das senhoras, tambem se dá um caso curioso; por exemplo :

Conheci uma senhora bem-feitora, caritativa e esmoler, um verdadeiro genio de pombinha mansa: era a bondade em pessoa e no entanto chamava-se *Barbara* !

—As *perdidas*, são em geral, as mulheres mais faceis d'encontrar.

—Os Leões são mansos como cordeiros e os Cordeiros terriveis como leões.

—A minha lavadeira era preta como um carvão e coisa singular; — chamava-se *Branca*.

--O maior usurario que tenho conhecido chamava-se *Generozo* ! !

OS OLHOS D'ELLA

N'essa carinha brejeira e buligosa
Sempre leviana como um catavento,
Os beicinhos tremulos cor de rosa
Não estão parados um só momento.

Um sorriso doce e encantador
Mostra os dentinhos de marfim polidos,
Uns diabinhos brancos a morder sem dôr
Como flocos de neve com perolas parecidos.

Mas essa creatura encantadora,
Possue dois olhos scintillantes
Dois pyrlampos, dois brilhantes...

Engastados na face seductora
Pretinhos, irriquietos, saltitantes
Entre as pestanas negras incontes-
tantes !

Oscar Alhadas.

Qual é a origem do beijo ?

Segundo Cesar Lombroso, è muito moderno o uso de beijar em prova de carinho ou de amizade. Os gregos não se beijavam, pois que as obras homericas nenhum indício dão de que elles soubessem o que era o beijo.

Heitor nunca beijou a sua Aldromach, nem quando se despediu d'ella; Paris não chegou os seus labios aos da formosa Helena; de Ulysses, cujos costumes lhe davam foros

do homem mais cosmopolita do seu tempo, também se não diz que, sequer, pensasse em beijar a encantadora Circe, e, quando regressou das suas viagens e se reuniu a sua esposa Penelope, contentou-se com o passar-lhe o braço pela cintura, para a chegar ao seu peito.

Na opinião do celebre Lombroso, o beijo teve a sua origem na Terra do Fogo, e com os selvagens d'aquella região aprenderam, portanto, os europeus a beijar-se.

Na Terra do Fogo não se usam copos, e quem tem sede vai beber aos regatos, como os animaes, ou chegando a bocca ás bicas ou nascentes.

As creanças, como é facil de ver, sò tarde sabem beber por tal processo primitivo, e entãc as mães lhes dão a agua com a sua propria becca, cujos labios as creanças chupam quando teem sêda.

A união das boccas para a passagem da agua pareceu talvez aos viajantes europeus uma prova de carinho materno, e não hesitaram em copiar o uso, tornando-o extensivo a todas as demonstraçoens carinhosas.

Anniversario

Passcu no dia 16 as suas 21 primaveras, de magra eda-

de, o gentil e primoroso Aurelio, digno intelligente, conspicio e bemquisto proprietario da antiga garage moderna.

A este nosso amigo, enviamos-lhe, como dadiva, um xarópe e uma boa...duzia de ovos de porco ou porca.

DITO DO FIM

Um livre pensador pregando as suas doutrinas em uma taberna com modos de orador:— Eu não combato o descanso do domingo, mas quero que se applique também aos dias de semana.

—Apoiado— respondeu o taberneiro.

O prazer da vingança dura instantes, o da clemencia é eterno.

COISAS QUE ARRELIAM

A litteratura dos redactores d' «O Caixeiro».

Os versos do nosso collaborador.

As photographias do nosso editor.

Os concursos de estupidez.

O terceiro pae da D. Rosalina.

O aspecto sorumbatico do nosso collaborador: *Oscar Alhadas*.

CARTA

Foi encontrada a seguinte, que era dirigida à cidadona Micas Clemencia :

Maria ! ver-te á porta a fazer meia,
Olhando para mim de vez em quando
E' o que n'esta vida me recreia.

Acordo até de noite suspirando
Porque rompa a manhã e tenho o gosto
De te vêr já tão cedo trabalhando.

Desde pela manhã até o sol pôsto
Que tu não tens descanso um só momento.
Por isso tens tão bela côr de rosto !

E eu pálido, Maria ! O pensamento
Não é trabalho que me dê saude;
Esta imaginação é um tormento !

.....
Tu eras nesse tempo simplesmente
A flôr que vai nascendo, e mais valia
Seres tão tenra ainda e inocente !

Já esse lindo pé que tens, Maria !
Esse quadril tão largo e cinta estreita
Me não vinha á idea noite e dia !

Esses encontros de mulher perfeita,
Esse peito redondo e arqueado
Como o da pomba farta e satisfeita !

.....
E' tudo encantador ! A gente cansa,
Cansa de estar olhando e sempre vendo
Um novo encanto a cada olhar que lança !

Bem podias, Maria ! andar tapada
Sô com o teu cabelo, á semelhança
Do sol em nuvem de manhã dourada.

Oh ! que ditoso, alegre e satisfeito
Não viverá o homem que algum dia
Sentir pular-te o coração no peito !

CONCURSO DE FEALDADE

Tambem nós estabelecemos um concurso de bellezale-dernier-cri—Convidamos

todas as nossas gentis leitoras d'esta villa, cercanias, Barcellinhos e ilhas adjacentes, a que nos enviem sem demora o seu gracioso voto ao mais feio cavalleiro que seja das suas relações ou fóra d'ellas.

Desde já prevenimos que é escusado maçadas ; basta o nome da dama e o do supplicante em fóco.

O premio ainda é sigilo.

PERFIL...

Cavalleiro andante donairoso
Alegre ridente jovial.
Não é feio nem formoso,
E pertence á classe caixeiral.

Da classe exímio representante
Sem chiste, espirito falador;
Basofia bulicoso até pedante,
Tem justa fama de conquistador.

O amor para elle é tentação
Que já mais o pode abandonar...
Com a felicidade e goso

De um dia poder morar.
Viver, amor, que sensação
Na *caille* D. Antonio Barroso !

EXPEDIENTE

Pedimos a todos os cavalleiros a quem enviamos este pequeno jornal, a fineza de o assignarem, e caso não nos queiram fazer essa gentileza, o devolvam para a rua Duque de Barcellos, n.º 6